

## PRAGMÁTICA PARA O DISCURSO HUMORÍSTICO: O CASO DAS PIADAS DE MINEIROS

Gustavo CONDE\*

**RESUMO:** Segundo Maingueneau (1990), há um desdobramento constitutivo dos níveis de negociação contratual entre leitor e obra no discurso literário. O funcionamento de seus elementos internos se enlaça com o exterior numa circularidade paradoxal que autoriza inferências de leitor e personagem. Alguns pressupostos teóricos da pragmática são, então, mobilizados para verificar esses tipos de negociação atravessados por roteiros sociais preestabelecidos. As piadas, em geral, apresentam algumas semelhanças importantes com tais corpora literários: são produto da invenção, apresentam personagens estereotípicos e obrigam uma ativa participação do leitor na construção de sua ambigüidade semântica. A aplicação de uma pragmática discursiva, portanto, para verificar as estratégias do leitor diante das malícias lingüísticas do mineiro, protagonista típico de algumas piadas, possibilita algumas formulações sobre o funcionamento do discurso humorístico.

**Palavras-chave:** discurso; pragmática; piada.

### A pragmática discursiva de Maingueneau

Ainda que clivados e efeitos de linguagem, os sujeitos negociam com os discursos, resistem a uns para aderir a outros, monitoram a própria enunciação lutando contra sentidos que lhes parecem exceder o dito ou supostas pretensões, explicam, explicam, se cansam... modalizam para que a possibilidade de enunciar de alguma posição identificável lhe seja garantida e para que um algum lugar institucional lhe confira o poder de dizer algo sobre alguma coisa com algum tipo de efeito convincente. Talvez seja por isso que o efeito de originalidade do enunciado teórico “o discurso humorístico é o terreno das violações” tenha passado. As razões estão mais ou menos claras: qualquer discurso pode ser terreno de violações e, eventualmente, o discurso humorístico pode ser o terreno do mais sublime respeito de regras. O que há, na verdade, nessa negociação constante dos sujeitos com os discursos são três aspectos fundamentais: níveis de violação, violações consagradas historicamente em certas situações pragmáticas e violações que se prestam mais a determinados tipos de discursos. Em todo o caso, no discurso humorístico são violadas com

---

\* Mestre em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas.  
[condegustavo@yahoo.com.br](mailto:condegustavo@yahoo.com.br)

alguma regularidade formas lingüísticas e com alguma irregularidade regras pragmáticas e leis discursivas. Se fossem unívocas, tais violações incorreriam num paradoxo: se a regra fosse violar leis, poder-se-ia também respeitá-las, violando a regra. Mas, do fundo de uma angústia singela, como ultrapassar fronteiras sem, antes, delimitá-las?

As piadas parecem ter regras. Parecem ter temas e personagens preferenciais. O trabalho do analista seria tentar explicar esse funcionamento, expor suas regularidades, tratar dos níveis de violação. Para isso, está claro, deve recorrer a teorias sobre a língua em suas diferentes aplicações.

Do ponto de vista conversacional, um dos primeiros conjuntos de leis pragmáticas que se tornou canônico foi elaborado em 1975 por Paul Grice.<sup>1</sup> Para Grice, respeitadas essas leis pelos interlocutores poder-se-ia dizer que um ato de comunicação foi o mais bem sucedido possível (e comportado, eu diria). Porém, está claro que, se algumas delas forem também violadas, um ato de comunicação também pode ser bem sucedido. Em outro nível, certamente.

A adaptação desses princípios por Raskin tem em vista uma espécie de cooperação humorística.<sup>2</sup> Raskin aposta claramente no contador de piadas, assim como Grice aposta no falante. Também é relevante acrescentar que um piadista pode violar essas leis da “piada bem contada” e ainda assim ter sucesso.

Mainueneau examina em detalhe a aplicação da pragmática em sua abordagem do discurso literário (1990), explicitando que os níveis de violação são mais complexos do que se pode imaginar. Essa complexidade consiste numa circularidade paradoxal em que eventualmente se transgride o contrato tácito entre os interlocutores para respeitá-lo num outro nível. Há um *enlaçamento constitutivo (...) pelo qual o autor triunfa através do próprio fracasso (...) Paradoxo pragmático pelo qual a enunciação da obra recusa o próprio conteúdo que exhibe* (186-187, *op.cit.*).

Mainueneau prefere chamar as máximas conversacionais de Grice de leis do discurso, utilizando o termo de O. Ducrot: são “leis” que *desempenham um papel considerável na interpretação dos enunciados e definem uma espécie de competência pragmática* (115, *op.cit.*). Essas leis não são comparáveis, segundo Mainueneau, ao conjunto de regras de uma gramática, mas funcionam como um tipo de código de bom comportamento dos interlocutores.

---

<sup>1</sup> Trata-se das célebres ‘máximas de Grice’: “(i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as required; (ii) Maxim of Quality: Say only what you believe to be true; (iii) Maxim of Relation: Be relevant; iv) Maxim of Manner: Be succinct” (Grice, 1975: 45).

<sup>2</sup> Raskin adapta as ‘máximas de Grice’ para o modo *non-bona-fide*, isto é, o modo jocoso de comunicação: “(i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as is necessary for the joke; (ii) Maxim of Quality: Say only what is compatible with the world of the joke; (iii) Maxim of Relation: Say only what is relevant to the joke; (iv) Maxim of Manner: Tell the joke efficiently” (RASKIN, 1985, p. 103).

## Humor e discurso literário

A piada não é discurso literário, tampouco é amostra de língua comum. No entanto, tem a ver com ambos. Aplicar modelos exclusivamente conversacionais para sua análise deixa áreas descobertas, da mesma maneira que uma abordagem através de uma teoria rigorosamente literária. Na obra literária há sempre um diálogo entre autor e leitor, num enlaçamento com os personagens e respectivos desdobramentos constantes: autor/personagem, leitor/personagem. *Numa obra, os elementos implícitos devem ser necessariamente lidos em dois níveis* (*op.cit.* p.90). Além disso, como postula Bakhtin (1921), a obra tem um acabamento estético que possibilita situar todas as suas aparentes imperfeições no interior de um conjunto de estratégias do autor. Uma das conseqüências teóricas dessa leitura global de uma obra é tratar o autor como uma função, aquém de decisões estratégicas onipresentes, mas dando unicidade estrutural à totalidade da obra como parte de seu funcionamento (ver FOUCAULT, 1969).

As análises estritamente semânticas de amostras de língua natural, dada sua especificidade, não consideram o papel do enunciador. Este papel chave é recolocado em cena primeiramente por Austin (1962), com o conceito de ato de fala, e, em seguida, a pragmática consagra seu uso em termos situacionais. É a análise do discurso (PÊCHEUX, 1969) que vai incorporar a noção de enunciador numa perspectiva histórica, o que desloca consideravelmente sua abordagem. É possível, então, observar melhor toda a complexidade estratégica mobilizada no ato de enunciação. Um texto jornalístico, uma redação escolar ou uma transcrição de um diálogo oral remetem não só a um dado contexto situacional, mas a uma rede histórico-discursiva na qual é possível verificar filiações doutrinárias, posições políticas, e dar início a um desenho da relação interdiscursiva que caracteriza as dispersões de enunciados típicas das formações discursivas, categoria importante para o aprofundamento das análises.

Do ponto de vista pragmático-discursivo, Maingueneau resume bem a intersecção dos corpora:

Seria, portanto redutor opor, como muitas vezes se faz, um uso “comum” da linguagem, em que esta última seria transparente e utilitária, a um uso “literário”, em que ela se tornaria opaca, considerando-se ela própria uma finalidade. Ter-se-á conhecido o tema estruturalista da “intransitividade” da linguagem literária. De fato, a idéia de uma linguagem idealmente transparente às coisas não é verdadeira nem mesmo para o discurso mais comum, já que a enunciação deixa sempre seu vestígio no enunciado e que a linguagem só pode designar designando-se. (*op.cit.*, p.16.)

Textos não literários, portanto, ganham um estatuto mais sofisticado, já que em seu funcionamento atuam elementos similares aos da ficção.

Conseqüência mais ou menos esperada para uma perspectiva teórica do sentido, a análise do discurso, que nasce sob uma tradição francesa de “explicação de textos”, presentes sob múltiplas formas em todo aparelho de ensino, da escola à Universidade. (MAINGUENEAU, 1987, p. 10).

### **Piadas: o suporte, a ficção**

*Por mobilizarem sempre mais de um sentido geral, as piadas apresentam problemas bastante sofisticados que freqüentemente possibilitam abordagens de mais de uma corrente teórica. São um material rico para qualquer tipo de análise. Alguns de seus componentes consagrados como o simulacro, a estereotípia e a sobreposição de scripts fazem com que a análise do discurso tenha uma inclinação especial para estudar seu funcionamento. Mas, além desse nível estrutural, a piada põe em cena personagens. Esses personagens enunciam, interpretam e, está claro, atuam pragmaticamente.*

Embora a piada seja um gênero discursivo cujo autor não é localizável, seu funcionamento, como o de qualquer outro texto, pressupõe um tipo de função autor que legitima um certo processo de enunciação, ainda que num nível diferente do da obra literária. Mais especificamente: ainda que as piadas não sejam “feitas” e sim “encontradas”, seu aparecimento depende de um enunciador, de um suporte subjetivo. Maingueneau freqüentemente intercambia autor e enunciador nas suas análises pragmático-discursivas: “(...) a literatura mostra-nos que a obra age sobre seu autor, que o ato de enunciação transforma o enunciador.” (*op.cit.*, p.183,). Não é apenas o contador de piada que a enuncia, mas “alguém” cuja face não nos é mostrada, uma instância sem ponto de vista, mas que articula e antecipa todos os possíveis, fonte enunciativa invisível que Issacharoff chama de arqui-enunciador (citado por MAINGUENEAU, *op.cit.*, p.160).

Ainda sobre o aspecto literário nas piadas, há a questão do suporte: são organizadas e eventualmente tematizadas em livros desde a antigüidade (MINOIS, 2002); boa parte dos exemplos utilizados por Freud em seu livro de 1905, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, é extraída de um discurso aristocrático (a Viena oitocentista) cujos implícitos têm forte apelo histórico-literário, e também da própria literatura, particularmente a de Heine, em que a narrativa é suturada por cápsulas jocosas “extraíveis”; e, finalmente, à medida em que Maingueneau adensa suas análises pragmático-discursivas para a literatura, a exemplificação com diálogos cômicos se acentua visivelmente com fragmentos de Molière, Rabelais e Cervantes, o que, sendo ou não ao acaso, pode reforçar o caráter ilustrativo das várias dimensões estruturais presentes no funcionamento do humor.

Por fim, a piada é uma mentira, uma invenção. Cria seu mundo próprio, cujas leis pragmáticas internas se enlaçam com as do exterior, numa circularidade constitutiva. O leitor se desdobra em interlocutor interno e em espectador externo e a simultaneidade das operações de interpretação é parte

do efeito humorístico. Sem esse emaranhado linguageiro, sentidos podem se perder e a piada pode não ser bem sucedida em seu intento jocoso. A característica estrutural das piadas em possibilitar invariavelmente uma descoberta de algum sentido “novo” em seu desfecho também é um traço específico de seu funcionamento, já que, nesse caso, a preparação narrativa é ressignificada em praticamente todos os níveis contratuais. Isso remete ao fato da piada ser um gênero de discurso (ver Possenti, 2002) e também de impor um contrato tácito: espera-se uma irrupção dos sentidos óbvios nos desfechos desse microtexto em seu nível mais estrutural, assim como, no gênero policial, espera-se uma informação reveladora que arremate a narrativa. Do chiste ou palavra espirituosa, modos enunciativos que mobilizam outro tipo (similar) de competência discursiva (já que emergem de uma interação a princípio não jocosa), pode-se “produzir” piadas, cuja enunciação será, entretanto, levemente deslocada para um modo narrativo, sujeito a outros tipos de restrições, dentre as quais está a expectativa pelo seu conteúdo humorístico.

## Mineiros

Um chiste diz o que tem a dizer,  
nem sempre em poucas palavras,  
mas em palavras poucas demais  
Theodor Lipps (1898)<sup>3</sup>

O mineiro parece ter nascido para se dar bem, para não esquentar a cabeça com nada. Seu laconismo e lógica impassíveis o deixam sempre em posição de superioridade. Parece levar a cabo a quarta máxima de Grice: seja breve. É uma espécie de caricatura da competência pragmática, sendo que o mineiro é, às vezes, mais breve do que o necessário. No imaginário que caracteriza sua identidade, traços como timidez, desconfiança e um talento constante para escarnecer de quem lhe dirige a fala são mais ou menos a tônica. Ao falar da mineirice, Frei Betto garante:

ser mineiro é dormir no chão para não cair da cama; sorrir sem mostrar os dentes. Desconfiar até do próprio pensamento (...) Mineiro é isso, sô! Come as sílabas para não morrer pela boca. Fala manso para quebrar as resistências do interlocutor. Sonega letras para economizar palavras. De vossa mercê, passa para vossemecê, vossência, vosmecê, você, ocê, cê, e num demora muito, usará só o acento circunflexo!<sup>4</sup>

Caipira, desconversador, envergonhado, gracejador. O mineiro das piadas viola o que pode e coopera com o que finge que não pode. Exibe uma

---

<sup>3</sup> Citado por Freud (1905, p. 26).

<sup>4</sup> Fragmento de *Ser mineiro* extraído do site: <http://www.geocities.com/Yosemite/6671/>

competência discursiva que sempre diminui seu interlocutor. Faz-se de paciente com interpelações agressivas e de indignado quando experimenta do próprio veneno mais adocicado: não tolera alguém mais desconversador que ele. Mas não desdenha: torna-se cúmplice.

Todos esses traços tornam um determinado conjunto de piadas de mineiros particularmente interessante para verificar as possibilidades de negociação em certos contratos pragmático-discursivos. A complexidade enunciativa de certas piadas, que mobiliza dois níveis básicos de contrato, texto/leitor e personagem/interlocutor, apresenta intrincamentos reflexivos que permitem formular algumas hipóteses sobre o funcionamento da língua, do discurso, e, está claro, do humor.

## As piadas

Algumas piadas de mineiros se caracterizam basicamente por um diálogo. Guardadas diferenças de gênero, isso pode facilitar uma aproximação com a pragmática discursiva de Maingueneau que recorta diálogos de obras literárias e eventualmente os incrementa com informações gerais da estrutura da obra e da inter-relação que essas informações travam com seu exterior textual-discursivo. No caso das piadas e do enfoque aqui visado, esse exterior pode ser substituído por discursos encontrados em arquivo como crônicas e ensaios que entram no jogo de caracterizações para uma certa mineirice e pelo conjunto de piadas regionais que põe em cena competições identitárias condicionadas pela relação polêmica geográfica. O corpus aqui analisado, como é mais ou menos comum no quadro teórico da análise do discurso, define em grande parte a natureza das referências exteriores que lhe dará sentido.

Esse tipo de abordagem deixa claro que o sentido dos enunciados (numa piada ou não), supostamente óbvio, depende crucialmente do cenário, do enunciador, do contexto histórico e do interdiscurso. Num diálogo, por exemplo, os interlocutores nem sempre concordam com o que está implícito, e isto, segundo Maingueneau, é constitutivo da atividade discursiva. A singularidade formal do cômico é expor essa incongruência, interromper o óbvio, driblar pretensões semânticas. Levar alguém a sério, é, num certo sentido, aceitar seus pressupostos, mesmo que para rejeitá-los num nível mais superficial.

Como usaremos aqui categorias como implícito, subentendido e pressuposto, cabe antes uma definição:

*Implícito* – Pode ocorrer que o enunciado “Faz calor” signifique simplesmente que faz calor. Mas, em contexto comunicativo, é freqüente que a verdadeira significação de um tal enunciado seja, segundo o caso, e entre outros: “Abra a janela”, “Desligue o aquecedor”, “Posso tirar o casaco?”, “Não tenho nada mais interessante para dizer”... A maior parte dos enunciados tem, assim, além de seu conteúdo explícito, um ou vários

conteúdos *implícitos*, que vem se enxertar no precedente, e podem mesmo substituí-lo em seu favor, em caso de “tropo implicativo”, isto é, quando, no contexto, o conteúdo implícito sobrepuja o explícito (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986, p. 116-122).

Posto, pressuposto, subentendido – A literatura semântica menciona numerosas variedades de conteúdos implícitos (inferências, implicações e implicaturas, alusões e insinuações etc.). Entre as distinções mais importantes, deve-se mencionar a que foi estabelecida por Ducrot (1972, p. 173ss.), entre *pressuposto* e *subentendido*, dois tipos de conteúdos implícitos que se opõem ao conteúdo explícito, ou *posto*; por exemplo, um enunciado como “Pedro parou de fumar” veicula as informações seguintes: (1) “Pedro, atualmente, não fuma”: é o *posto*, que corresponde a “aquilo que é objeto confesso da enunciação dessa declaração”; (2) “Pedro, antigamente, fumava”: é o *pressuposto*, que, embora, como o posto, esteja de fato inscrito no enunciado (já que repousa sobre o marcador “cessar de”), não constitui, contudo, o verdadeiro objeto do dizer; e, eventualmente, também, (3) “Você faria bem em fazer a mesma coisa”: conteúdo *subentendido* que só se atualizará em circunstâncias enunciativas particulares.

(CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, **Dicionário de Análise do Discurso**, 2004, p. 270-271).

Gaúcho para o mineiro:

Lá no Rio Grande do Sul só tem macho!

Mineiro para o gaúcho:

Uai, que esquisito, sô!

Lá em Minas é metade homem

metade mulher e a gente se

entende muito bem!

A princípio, o mineiro parece respeitar o subentendido: ao dizer “lá no Rio Grande do Sul só tem macho”, o gaúcho deixa entender não ser evidente que em todos os estados só haja macho. Dirigido a um interlocutor reconhecidamente perspicaz, o enunciado do gaúcho soa como uma espécie de desafio verbal. Põe em questão, no contexto pragmático como um todo, a mineirice do mineiro, exige deste uma reação, seja através de um silêncio resignado que a cena pragmática significaria como uma derrota do mineiro, seja no jogo, a princípio, imprevisível das réplicas. Para uma provável surpresa e desconcerto do gaúcho, o mineiro recebe sua suposta provocação de maneira tranqüila, fazendo, evidentemente, um simulacro dela.

Nesse primeiro nível, relativamente mais opaco, em função da suspensão de certos sentidos históricos associados ao lexema-chave ‘macho’ – não considerados aqui para organizar a argumentação – o mineiro respeita parte do contrato conversacional, mesmo com a presença da locução interjetiva em sua resposta e seu significado de surpresa.

Os níveis são intrincados: o mineiro faz uma depuração semântica para aceitar o enunciado (dispensando o contexto), mas essa aceitação semântica só é possível em função da violação pragmática: o mineiro finge não

considerar a força ilocutória do enunciado, revestido pelo tom polêmico e provocador da afirmação do gaúcho. O leitor da piada pode recuperar esse tom recorrendo ao tema marcado do sexismo e ao ethos encomiástico do gaúcho, ambas informações disponíveis no imaginário mobilizado para a interpretação geral da piada, de maneira, evidentemente, intuitiva por parte do leitor (e do personagem), que não tem acesso ao processo concreto de construção discursiva, limite subjetivo nomeado esquecimento n.1 por Pêcheux.<sup>5</sup>

Esse tom polêmico do gaúcho pede uma réplica à altura – dá-se à discussão – e não uma assimilação pragmaticamente simulada (o outro contrato conversacional, agora vigente, já que o enunciado do gaúcho é desalojado de seu sentido desafiador). Ao respeitar as leis do discurso num determinado nível, o mineiro as infringe noutro. Ao mesmo tempo, impõe um novo contrato com seu interlocutor – cuja intenção é desestabilizar seu dizer – e com o leitor, que tem acesso à sua estratégia como observador externo e que pode recuperar as sobreposições contratuais intrincadas na negociação discursiva.

Postos em ação os sentidos que uma interpretação amplamente cooperativa faria da enunciação do gaúcho, a violação mais evidente ocorre num segundo nível. Há um subentendido (que, diferentemente do pressuposto, tem uma relação de maior dependência com o contexto) na afirmação do gaúcho cuja construção se apóia basicamente em três aspectos. O primeiro aspecto tem a ver com a máxima da modalização: seja sucinto. Desse modo, todo enunciado poderia dizer mais do que aparentemente diz. O exemplo de Maingueneau é que o enunciado “vai chover” tem mais eficiência pragmática se dito após a afirmação “é preciso molhar o jardim”. Assim, informa sobre a chuva e afirma que determinada tarefa é dispensável.

Quase um desdobramento do primeiro, o segundo aspecto tem a ver com o princípio de economia. A existência do implícito está manifestadamente vinculada a princípios de economia, diz Maingueneau. A afirmação do gaúcho, portanto, diz mais do que o mineiro finge acreditar: diz que todo homem gaúcho é macho, que não há afeminados e que isso é motivo de orgulho. O ethos do gaúcho (o terceiro aspecto) com o habitual tom de satisfação que o caracteriza também é relevante para recuperar esse subentendido, uma vez que a sentença em seu sentido estrito autoriza de fato outra interpretação (só aparentemente literal em função do contraste, já que requer igualmente um contexto específico). Basta que o tom seja de lamentação para que o sentido seja ‘um aglomerado pouco agradável de homens’: “A festa estava um horror, só tinha macho”. Com

---

<sup>5</sup> (...) Trata-se da defasagem entre uma e outra formação discursiva, a primeira servindo de algum modo de matéria-prima representacional para a segunda, como se a discursividade desta “matéria-prima” se esvanecesse aos olhos do sujeito falante. Trata-se do que caracterizamos como o esquecimento n.1, inevitavelmente inerente à prática subjetiva ligada à linguagem. Mas, simultaneamente (...) o processo pelo qual uma seqüência discursiva concreta é produzida, ou reconhecida como sendo um sentido para um sujeito, se apaga, ele próprio, aos olhos do sujeito. (PÊUCHEUX & FUCHS, 1975).

base nessa leitura, obviamente maliciosa por se tratar de um mineiro, chega-se a um estranhamento natural com relação à fala do gaúcho. Entra aqui a locução interjetiva, marcando uma surpresa, mas de ordem distinta da imposta pela intenção do gaúcho. O encadeamento conseqüente expõe a fragilidade da afirmação do gaúcho e o que, a princípio, era a violação contratual do mineiro, recai sobre o gaúcho “que não soube se expressar a contento”.

### **Simultaneidade, economia, violação**

É importante para a análise de humor o fato de que uma característica recorrente do funcionamento das piadas consista em expor uma outra (dentre tantas) “face” semântica da palavra ou do enunciado, de maneira simultânea e articulada, preservando o rastro do sentido “marginalizado”: os sentidos estão no “mesmo” enunciado, como no caso de “vai chover” mais acima, mas no discurso humorístico eles concorrem entre si, mediados pelo contexto pragmático e pelo caráter dos enunciadores.

Para Freud (1905) e, como está claro, também para Grice e Maingueneau, o princípio da economia tem um papel importante na interação lingüística. Enquanto a psicanálise concentra sua atenção na sensação de prazer propiciada pelo uso de tal princípio, a pragmática o vê como parte fundamental do funcionamento da língua. O estereótipo do mineiro pode dar uma boa dimensão da tênue fronteira entre o cômico e um ato comunicacional bem sucedido. Na verdade, a ocorrência pontual do laconismo mineiro nas piadas, a despeito da impressão sempre forte de sua quietude maliciosa, indica que, se concretamente ele não fala pouco (ademais, fala como qualquer personagem das piadas regionais ou até mais), pragmaticamente ele é impecável: articula com a brevidade griceana as ambigüidades latentes dos enunciados que profere. A impressão é de que a piada está sendo contada pelo próprio personagem, porque ele parece dominar os vários níveis de sentido ali postos, efeito que pode ser explicado, em parte, pelo conceito de arqui-enunciador, cujo ponto de vista não pode ser nem de um interlocutor, nem de outro, *mas do seu relacionamento* (MAINGUENEAU, *op.cit.* p. 160). O mineiro parece saber jogar com as palavras, usá-las em seu favor.

Toda essa “economia bem sucedida”, seja no modo jocoso, seja num ato comunicacional sério, remete, por oposição, a um conjunto de enunciados que a atesta (e por ela é atestado). Lugares-comuns como “fulano só fala”, em que se subentende que tal fulano não faz o que diz, ou que mente sobre o que faz, e mais uma outra série proverbial como “cão que ladra não morde”, “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, “fulano é chato, fala demais” (aqui constituindo: (1) o estereótipo do sujeito chato, indesejável, sempre associado a insistências, verborragias ou prolixidades pretensiosas, em resumo, sempre associado a um excesso do discurso; (2) o imaginário do preconceito sexista com relação às mulheres que “tricotam”, “não saem do telefone”, ganchos para o enunciado “fulanos falam como duas comadres”. Tais dados atestam

uma certa ideologia machista que quer impor coerções. Chega-se, assim – por oposição, mais uma vez –, no “interior” de uma certa formação discursiva presente na própria teorização (o que é natural) que tem por enunciado-base o primado da economia lingüística: fale pouco, fale o suficiente, fale o necessário.

Maingueneau, entretanto, aprofunda a problemática, lendo um prolongamento maçante de alguma obra como parte constitutiva de seu sentido geral (cf. MAINGUENEAU, 1990, p. 146), o que também é verdade para o discurso humorístico, que vive de infrações e pode também infringir a máxima da brevidade, na manobra sempre paradoxal que torna a legitimar a regra. Não só na tradição oral, mas no próprio arquivo (livros de piadas, internet, programas humorísticos), o gesto de prolongar uma piada com detalhes nem sempre inúteis ou irrelevantes é relativamente comum, além de ser um fenômeno interessante do ponto de vista discursivo.

A impressão/constituição da quietude maliciosa do mineiro, da escolha lexical mais expressiva porque contraditória atravessa a literatura, como no trecho d’*A inglesa Deslumbrada*, de Fernando Sabino:

Evém mineiro. Ele não olha: espia. Não presta atenção: vigia só. Não conversa: confabula. Não combina: conspira. Não se vinga: espera. Faz parte do decálogo, que alguém já elaborou. E não enlouquece: piora. Ou declara, conforme manda a delicadeza. No mais, é confiar desconfiando. Dois é bom, três é comício. Devagar que eu tenho pressa. (1967, p. 71).<sup>6</sup>

Enunciados consagrados pelo uso geral são traduzidos para a semântica particular do mineiro, desdobrada em deslocamentos às vezes abruptos (não se vinga: espera) que, além de demarcar traços de identidade lingüística, delimita práticas e códigos sociais. A desconfiada enunciação mineira exige uma competência pragmática de seu interlocutor que quase sempre fracassa.

Dois mineiros pitando um cigarrim  
apoiados numa cerca.  
Um fala: óia lá, cumpadi,  
num é um elefante voano?  
É... diz o outro.  
Quatro horas depois o um fala de novo:  
Ih, alá! Num é ôtro?  
O outro: é... o ninho deve tá perto.

Numa das interpretações autorizadas, essa piada aparentemente não rebaixa nenhum personagem. Talvez o leitor, se ele supuser presenciar um

---

<sup>6</sup> Não se trata aqui de agenciar uma associação literária com o fragmento anterior de Frei Betto, mas, antes, de observar como um imaginário comum permeia seus enunciados. Embora o estilo possa denunciar um ou outro, suas enunciações materializam esse imaginário.

diálogo nonsense (porque é como que feito de bobo). Neste caso, mais uma violação paradoxal do gênero que tradicionalmente rebaixa pessoas, práticas ou instituições.

A piada acima pode ser entendida como puro exibicionismo do modo de ser mineiro: dois mineiros estereotípicos na sua atividade diária de não fazer nada. Tudo ali passa devagar como no poema de Drummond, outro mineiro. A suposta violação das leis naturais que põe em cena um elefante voando serve, entre outras coisas, para destacar a indiferença por tudo que não seja ficar parado, olhando o tempo passar. A piada reformula a impassibilidade mineira e o faz porque essa informação está disponível na memória discursiva a que o leitor tem acesso, mesmo que ela, a piada, crie o efeito, no ato da leitura, para que essa memória seja um “fato” (ela obriga o leitor a pressupor essa informação; caso contrário, a piada não faria sentido).

A primeira leitura possível desta piada consiste em aceitar um mundo radicalmente impossível. Como nos contos fantásticos, o mundo interno à piada tem um funcionamento determinado, com elementos específicos, e admitir uma transgressão com relação à presença do elefante voador é que seria quebrar o contrato tácito do gênero fantástico emprestado à piada (nessa interpretação).<sup>7</sup> A primeira violação pragmática emerge daquele que responde com um simples “é...” a uma pergunta pouco comum (que num contrato comunicacional mais geral demandaria, no mínimo, uma expressão de espanto), o que imediatamente é incorporado ao estereótipo retomado, num processo de re-identificação do personagem.

Nesta piada, o laconismo, de fato, marca presença, num desdobramento do “efeito brevidade”, ideológico, que atravessa a enunciação do mineiro por razões discursivas de economia geral do signo (e não apenas do significante, seu efeito eventual). A piada também apresenta uma cena que reproduz o imaginário em questão: o ócio simplório, atualizado pelo cigarro, o apoio na cerca e a marca temporal (em quatro horas nada acontece), recurso cênico relativamente comum quando o assunto é o mineiro.

A segunda intervenção do mais lacônico dos dois mineiros quebra de vez a expectativa (criada por um dos níveis do contexto pragmático da piada) de presenciar o impossível: um mineiro impressionado com alguma coisa. Por um lado, o mineiro lacônico aceita a “insistência” de seu interlocutor, que “pede” pragmaticamente um comentário mais expressivo. Respeita assim uma lei discursiva, é cooperativo. Mas é cooperativo demais. O contrato do gênero fantástico que transpassa a piada é justamente dar voz a um interlocutor (ou narrador) impressionado, num enlaçamento com o mundo real, exterior à cena pragmática, comum à realidade do leitor no ato da leitura. O mineiro personagem viola esse contrato e ao dizer “o ninho deve estar perto” concede fidelidade ao

---

<sup>7</sup> As piadas eventualmente põem em cena personagens ou elementos caros ao gênero fantástico, como animais que falam ou roteiros celestiais.

mundo interno à piada, indiferente ao espectador, de qualquer forma, presente, e que “assiste” algo que não diz respeito ao seu mundo (a impressão do nonsense).

Nesse caso, a piada marca fortemente a afirmação de uma identidade, já que “segrega” o espectador/leitor do jeito de ser mineiro, restringe-lhe parcialmente o acesso, expõe um mundo que não lhe pertence. De qualquer modo, a auto-circunscrição da identidade mineira nas piadas não é, em geral, ofensiva (é duplamente atravessada pelo (bom) humor, já que um dos traços caractereológicos do mineiro é sua predisposição para a tirada espirituosa), sobretudo aqui. Vemos, de fato, uma exibição de dois protagonistas mestres da desconversa, e o desfecho, mais surpreendente que o elefante voador, re-situa pragmaticamente o mineiro perguntador, que passa a ser uma “escada” para o arremate do amigo, partilhando da sua identificação.

A segunda leitura, entretanto, pode rebaixar o mineiro perguntador, interessado em chamar a atenção do lacônico. O funcionamento geral das piadas autorizaria mais essa interpretação, de fato, posto que a piada supostamente quer rebaixar um grupo ou classe. Para que essa interpretação seja possível, mudam-se os implícitos. A intervenção fantástica dá lugar a uma mentira “real” (compatível com o mundo do leitor) do perguntador, que pretende tirar o amigo da sua quietude. Nesse sentido sua enunciação é uma ação perlocutória, já que escapa ao campo estritamente lingüístico. É um ato que, pelo intermédio da palavra, pretende provocar efeitos na situação. Pode-se reconstituir a cena: o mineiro impassível sequer olha para o céu para confirmar a falácia graciosa do conterrâneo. Na segunda investida deste, já com o “tempo” de ter preparado uma resposta à altura, o mineiro (então, mais esperto, superior) pode “finalmente” acabar com a armadilha pragmática do seu interlocutor, cooperando (com a mentira, o que a neutraliza) onde não deveria e com a calma habitual: o ‘elefante voando’ não é posto semanticamente em questão na pergunta, mas funciona como uma espécie de isca para provocar espanto, para ridicularizar uma suposta ingenuidade pragmática que, afinal, retorna em forma de cooperação semântica, exatamente o que não poderia acontecer do ponto de vista do interlocutor, agora fracassado.

Essa diferença de leitura (bastante sutil do ponto de vista formal, já que o que muda são essencialmente concessões preparatórias) passa obrigatoriamente pela formação discursiva dominante do leitor da piada no ato dessa leitura. Cada leitor poderá mobilizar tipos diferentes de implícitos de acordo com seu saber enciclopédico e sua competência discursiva (que pressupõe, entre outras coisas, uma prática e um trânsito na troca lingüística de piadas). O suporte, o gênero, nesse caso, são fundamentais: sabe-se quando se está diante de uma piada.

### **O mineiro não gosta de discussão**

Um traço importante do estereótipo mineiro que as duas piadas acima já podem autorizar, com a chancela de Fernando Sabino, é que, de fato, o mineiro não gosta de discussão. A intervenção do outro supostamente querelante

em sua quietude sagrada é sempre neutralizada com uma cooperação inesperada, pura perspicácia na negociação com a palavra. Isso é caricaturado de maneira exemplar na piada seguinte.

No banquim da praça, dois minerim  
cascando fumo.  
Uma senhora passa e cumprimenta:  
Tarde!  
Os dois: tarde!  
Passa o padre:  
Tarde!  
Tarde!  
Passa o prefeito:  
Salve!  
Um vira pro outro e diz:  
Vambora qu'eu num gosto de discussão.

A troca da palavra de saudação é pragmaticamente relevante para o mineiro: é um gesto que interrompe a confortável mesmice. O fato do tipo de enunciado mais genérico e neutro possível, a *saudação*, ser a marca de uma possível discussão produz um dos efeitos jocosos da piada, afinal é uma violação do contrato conversacional: o mineiro, que sabe neutralizar tão bem uma enunciação ofensiva, assimilando e “corrompendo” a semântica de seu interlocutor, simula indignação diante de uma enunciação amistosa, “superinterpretando-a”. É o balé cômico das oposições pragmáticas: cooperação com o inimigo e desconfiança com o amigo.

Essa piada, além de pôr em cena os traços clássicos da mineirice, desconfiança, mesmice interiorana, discute e caricatura as próprias condições de produção de piadas de mineiros, funcionando como seu contrário ilustrativo. Em geral, o mineiro aparece rebatendo (com a sofisticação que lhe é própria, sem se comprometer com o dito) interpelações mais exaltadas, como as de paulistas rabugentos, gaúchos metidos a valente ou cariocas pretensamente malandros. Quando um mineiro interpela um mineiro, a luta é de pesos-pesados. É uma relação de desconfiança mútua. O mote do interpelador rebaixado é o mesmo do mineiro esperto: é uma enunciação mais sofisticada, mais atrelada à situação, mais interdependente de sua resposta, temática e constitutivamente. Está submetida ao que Maingueneau chama de macroatos de linguagem (*op.cit.*, p.14), um nível superior de valor ilocutório global. Vem daí a impressão de que os rebaixados dessas piadas nem são os menos espertos (mas ainda assim, espertos), nem os eventuais leitores, mas os não mineiros, privados desse universo.<sup>8</sup> Interpretar uma saudação diferente como motivo de discussão

---

<sup>8</sup> Há uma piada que desmente essa suposta singeleza inocente da mineirice: “Sabe como é o Viagra de mineiro? Ele coloca um grão de milho no umbigo e o pinto levanta pra comer.” Porém, não se pode perder de vista a simultaneidade dos efeitos: malícia/inocência.

é exatamente o contrário do que o mineiro costuma fazer num dos níveis de sua intervenção mais típica: tomar a interpelação ofensiva como conversa trivial. Esse jogo dos contrários contratuais, no fundo, fortalece o primado da economia da fala mineira. Quando tudo é trivial, nos limites da desconversa, as leis coercitivas parecem ser totais, e a menor interferência pode desestabilizar a harmonia. Quando se tem que responder a uma enunciação ofensiva, é permitido assimilar a fala do outro para devolvê-la estrategicamente corrompida, num contrato pragmático mais flexível.

### **Heterogeneidade estrutural**

Os níveis sobrepostos dessas negociações discursivas, no entanto, homogenizam-nas, de maneira que pode se ler em ambas as situações a emergência de um traço mais geral do mineiro, que é resistir aos roteiros preestabelecidos.

Mas as piadas de mineiros são também heterogêneas como qualquer subgrupo de piadas mais ou menos estável. Põem em cena outros protagonistas que, em geral, têm más intenções ou subestimam a inteligência do “pobre” mineiro. O dado é relevante na medida que pode interferir na semântica dos enunciados.

O mineiro observando o engenheiro com o teodolito.

Dotor, pra que serve esse treco aí?

É que vamos passar uma estrada por aqui. Estou fazendo as medições. E precisa desse negócio pra fazê a estrada?

Sim, precisa. Vocês não usam isso pra fazer estradas não?

Não. Aqui, quando a gente quer fazê uma estrada, a gente sortia um burro e vai seguino

ele. Por onde o bicho passá, é o mió caminho pra fazê a estrada...

Ah, que interessante. E se vocês não tiverem o burro?

Bem, daí a gente chama os engenheiro...

A relação entre os interlocutores é assimétrica, mas, como mostra o desfecho, a superioridade é do mineiro. O esquema da piada consiste em contrapor o universo técnico do engenheiro ao mundo simplório do mineiro, que demonstra interesse.<sup>9</sup> Aqui, de fato, o mineiro é dado, parece querer aprender, o que coincide com sua simplicidade, sua curiosidade de caipira (pura armadilha para engrupir o engenheiro). Talvez, como na literatura, o personagem mineiro possa incorporar outro tipo de comportamento que não a desconfiança lacônica, para depois poder triunfar no jogo de palavras. Mas a verdade é que o traço do monossilabismo, da quietude, não recobre toda

---

<sup>9</sup> Interesse que contradiria seu caráter desconversador. De fato, o mineiro aparece puxando conversa, mas faz isso para “passar a perna” no paulista “esperto”.

ocorrência jocosa. Ele prevalece numa dimensão importante, que desencadeia outro subgrupo de piadas e gracejos, mas, eventualmente é suspenso pelas circunstâncias impostas por roteiros discursivamente mais fortes.

O engenheiro é extremamente cooperativo com seu interlocutor. Explica o que é o teodolito com muito boa vontade. A insistência do mineiro possibilita um diálogo bem sucedido em todos os níveis, a ponto de o engenheiro se interessar pela conversa (o que funciona como a isca do mineiro) formulando uma pergunta que fortalece ainda mais o contrato entre os dois. É a deixa para a mineirice irromper sob a forma de sabedoria popular: o mineiro, que já angariou a atenção do engenheiro, enuncia lançando mão de um elemento a ser recuperado na tréplica, o lexema 'burro', obviamente em seu sentido "animal". Quando, finalmente, o engenheiro resolve interpelar a mineirice do mineiro, pondo em questão a possibilidade de se usar um burro para construir uma estrada, o mineiro pode deitar sua malícia e gozar de sua superioridade, fazendo o sentido pejorativo de 'burro' entrar em jogo.<sup>10</sup> A associação chave aqui é engenheiro/burro, mas isso é dito de maneira tão indireta pelo mineiro que impossibilita qualquer réplica isenta de ridículo, e o que é mais complexo: não há comprometimento do mineiro, que continua em seu estado "inofensivo". Todo o ônus da associação recai sobre o engenheiro, possivelmente porque é ele que enuncia a palavra 'burro' implicada na deixa, informação que é processada e armazenada pelo leitor. O engenheiro parece, assim, entrar sozinho num emaranhado (com uma pequena ajuda de seu interlocutor) que o denuncia: ele não tem trejeitos espirituosos e não consegue se antecipar ao perigo iminente. É uma competência pragmática especial para vítima de gracejos, uma verdadeira escada (o que exige um certo talento), o fracasso capitalizado no gênero que se torna sua parte estrutural. Ademais, o contraste inicial propiciado pela suposta ignorância do mineiro também atua na associação rebaixadora concretizando o típico jogo de oposições inscrito nas piadas.

O esquema dessa piada mostra que o mineiro continua tímido até quando quer menosprezar o engenheiro. É preciso construir toda uma situação para que ele possa, no fim, mais uma vez e da maneira mais econômica possível, dizer sem dizer.

### **Intertextualidade e violação de roteiros estabelecidos**

O mineiro acha uma lâmpada mágica.  
Esfrega e sai o gênio, que diz:  
Você tem direito a três pedidos.  
E o mineiro:

---

<sup>10</sup> Há também uma superposição com o discurso que taxa o engenheiro de burro, em geral, enunciado por arquitetos. Isso pode ser recuperado pelo leitor da piada, estabelecendo mais um nível de negociação discursiva.

Eu quero um queijo.  
O gênio estranha, concede e espera o segundo pedido.  
Eu quero outro queijo.  
Nova concessão. O gênio então aguarda o terceiro pedido do mineiro.  
Uma mulher.  
O gênio aliviado diz:  
Ufa, pensei que você ia pedir outro queijo...  
Eu ia, mas fiquei com vergonha.

Do script tradicional do gênio, que constitui outro subconjunto de piadas, em função de suas possibilidades formais (realizar desejos, superinterpretar pedidos), o mineiro não poderia ficar de fora, e, dada sua maior inclinação a desfechos favoráveis, prevalece sobre o gênio, dominando a cena com seus pedidos modestos. Pode-se dizer que o mineiro viola o script jocoso do tema 'gênio', numa das dimensões mais evidentes do funcionamento desta piada. Em geral, os contemplados com a lâmpada pedem muito e acabam se dando mal, às vezes por uma incongruência lingüística, às vezes por pura arrogância. O mineiro faz jus as suas características de caipira envergonhado. O leitor entra na complexa negociação em que até o gênio é deslocado de seu habitual papel de mero realizador de pedidos. A reflexividade enunciativa faz com que ele comente seu próprio papel ao se ver aliviado com a interrupção dos repetidos pedidos de queijo do mineiro. Alivia-se também porque finalmente o mineiro faz o pedido que lhe é mais familiar (aquele que o gênio costuma não atender piadas afora): uma mulher. Certo de que se reinstalou a normalidade de sua prática de gênio, viola sua habitual posição de distanciamento das trivialidades mundanas (certamente emboscado pela esperteza do mineiro, mas também contagiado seus gestos simplórios) e arrisca até suspirar, confessando sua apreensão (partilhada com o leitor), que funciona pragmaticamente como uma deixa. O mineiro, então, também confessa sua vergonha, anulando a sensação de alívio do gênio, que via e, portanto, volta a ver ameaçado seu terreno particular de pedidos preestabelecidos.

É notável que o personagem mineiro não se curve nem aos contratos tácitos de um tipo específico de piada. Ele viola até este terreno, pois é um especialista. Não é apenas tema, é também piadista. Isso permite observar que a reflexividade está presente na circulação das piadas de maneira geral. Elas são recicladas, funcionam como intertexto e demonstram que a interdiscursividade também comporta sua dispersão.

### **Ventriloquia pragmática**

O mineiro parece se sentir particularmente mais à vontade diante de interpelações agressivas. Pode, assim, rebater com mais força. Isso é parte fundamental na construção do humor nas piadas que protagoniza.

Um paulista foi almoçar em Minas e se sentiu ofendido  
porque lhe serviram abóbora cozida.  
Chamou o garçom e bateu forte:  
Ô mineiro, lá em São Paulo quem come isso aqui é porco.  
E o mineiro:  
Uai, aqui também, sô.

Como um ágil franzino que numa briga apenas desvia de um brutamontes, fazendo com que este se bata sozinho, o mineiro usa a força deselegante do paulista para vencê-lo. Essa piada apresenta um efeito singular: o ato de reclamar da comida pressupõe pragmaticamente uma justificativa ou uma explicação por parte do interlocutor e não uma cooperação simples de conversa amistosa. O mineiro viola essa lei discursiva e tira proveito da relativa literalidade da enunciação do paulista, pouco sofisticada e apenas pragmaticamente ofensiva. Ao concordar com ela e obrigar o paulista (e o leitor) a reinterpretá-la de seu ponto de vista, o mineiro diz, sem dizer: você é um porco. O sentido metafórico de 'porco' só é possível no enlaçamento da falsa cooperação conversacional do mineiro com sua violação situacional, além, obviamente, da cena como um todo. A rebatida conveniente a uma reclamação ofensiva ocorre, respeitando as regras pragmáticas, mas num outro nível, sobreposto, que não compromete o mineiro com o gesto ofensivo, mas que o associa novamente a uma superioridade no manejo das leis do discurso. Mais uma vez é na enunciação de sua vítima que está a agudeza de sua superioridade.<sup>11</sup>

### **Inocência singela**

Fiscal para o mineiro, dentro do ônibus:  
A passagem por favor!  
Num tem não sr.  
Como não tem?  
Aquele papelim marilim?  
É, sim senhor.  
Pitei...!

Aqui, o leitor pode restituir vários implícitos da última resposta do mineiro, nem tão óbvios assim, já que se recorre a roteiros preestabelecidos, frames complexos, relacionados, por um lado, com fiscalização de passageiros e com a preparação de um cigarro de palha, e, por outro, com a mineirice aparentemente fechada em seu mundo. Restituem-se sentidos, mas essencialmente reconstrói-se uma cena em seus diversos níveis. É uma piada "pragmática" (talvez, mais que as outras).

---

<sup>11</sup> Essa piada será retomada (brevemente) na subseção 6.3.

O fiscal, obviamente, é diminuído pelo mineiro. Pitar uma passagem e dizê-lo é violar uma regra de boa conduta: o mineiro não é cooperativo e na melhor tradição mineira: com um pouco de vergonha marota. Essa vergonha pode ser recuperada nos traços da caipirice inscritos na menção ao cigarro de palha, aliás, já marcado pelas características fonético-fonológicas da fala do mineiro caipira. Marca que evoca ou impõe, pela memória discursiva do leitor, um ethos calçado essencialmente na timidez, na vergonha inocente. O arremate enunciado pelo mineiro é lapidar: lexema fortemente identificador e dito com singeleza cômica. É possível para o leitor imaginar a expressão do fiscal diante de tal violação do contrato institucional. Aqui, o mineiro parece amigável, mesmo sem deixar de lado um gracejo no limite da provocação.

### Articulação de paciências

O mineiro está pescando na beira do riacho, de repente chega um conhecido,

acocora-se ao seu lado, faz um cigarrinho de palha e fica ali,  
observando a superfície do rio durante várias horas,  
no mais absoluto silêncio.

A certa altura, o mineirinho incomodado com a presença do amigo,  
resolveu falar: qué pescá um cadim?

E o outro: Ara... tem paciência préssas coisa não, sô.

O cigarro de palha é um elemento recorrente quando o tema é o mineiro. Fazer um cigarro requer uma certa paciência (fumá-lo, uma “predisposição” ao relaxamento) e indica uma indiferença à prática do “comprar feito”, hábito comum da vida urbana, em oposição direta com a mineirice quando o assunto é rebaixar o paulista. A cena da pescaria também está ligada ao hábito de relaxar vendo o tempo passar. Tudo é itabiranamente lento. Essa piada funciona mais ou menos como a do elefante voador, pondo em cena dois mineiros e relativizando o rebaixamento, que ocorre em níveis diferentes. Num deles, o pescador se dá mal, já que vê sua oferta rejeitada como se fosse a coisa mais óbvia possível. Noutro, funciona como uma espécie de coadjuvante no exibicionismo de uma preguiça exageradamente cômica.

O que é mais importante nesta piada, do ponto de vista de sua estruturação, é que o ato de pescar exige uma certa paciência. Porém, o ato de “ficar parado” observando um rio durante horas é algo que exige uma paciência ainda maior. E se, mais uma vez, toda a cena vela pelo ócio tão caro à mineirice, abre-se espaço, na articulação dos contrários, para a indignação do mineiro diante da perturbação da paz: quem tem mais paciência, aquele que pesca ou aquele que observa? O leitor pode reconstituir a cena de um pescador, querendo paz, incomodado com alguém por perto, observando. Pescador que ainda assim suporta a “pressão” durante horas. No limite, só lhe resta dirigir a palavra ao observador. Quando o faz, já é tarde: o observador responde ‘não tenho paciência para isso’ e expõe o contraste das capacidades de não se ter paciência, violando

uma lei pragmática e cenográfica: a característica que mais se suporia estar presente em cena é uma paciência invejável. O leitor tem que dar coerência ao enunciado e só pode fazê-lo no modo jocoso, que aceita infrações desse tipo.

### **Conseqüências fonológicas: o mineirês**

Mineiro é isso, sô! Come as sílabas para não morrer pela boca (Frei Betto)

Provérbio de pescador, a frase adaptada pelo mineiro Frei Betto permite formular a hipótese de que o imaginário sobre a fala econômica da mineirice influencia os atos locutórios deste enunciador. Como se pode ver mais acima, as marcas lexicais que eventualmente têm suas sílabas suprimidas funcionam como informação importante para o leitor interpretar certas passagens de piadas. Elas revelam um certo ethos, uma certa maneira de conceber a língua, a vida. O efeito cômico propiciado por essas marcas faz com que elas se reproduzam com uma certa regularidade no discurso humorístico sobre o mineiro. Mais que supressões silábicas, o fenômeno é constituído de condensações lexicais (mecanismo considerado por Freud como componente importante para o funcionamento do chiste, ainda que de maneira um pouco diferente do “mineirês”) que têm uma regra fonológica bastante específica. Um trecho do dicionário de mineirês ilustra bem o fenômeno:

Lidileite: litro de leite  
Mastumate: massa de tomate  
Dendapia: dentro da pia  
Kidicarne: quilo de carne  
Tradaporta: atrás da porta  
Badacama: debaixo da cama  
**Pincumel: pinga com mel**  
Nossinhora: nossa senhora  
Doidimais: doido demais  
Tidiguerra: tiro de guerra  
Casopô: caixa de isopor

As sílabas pós-tônicas são suprimidas e/ou se “engatam” com as preposições (quando há) dos sintagmas. Eventualmente juntam-se diretamente duas palavras (num jogo circular entre escrita e pronúncia), com supressão de sílabas, sem o intermédio da preposição (casopô). O efeito cômico é flagrante: o contraste com a “tradução” tautológica acentua o tom bem humorado da lista. A semântica também é afetada, já que praticamente se tem um novo léxico possibilitando novas cadeias metafóricas (que algumas piadas aproveitam). O repertório também é relativamente limitado: repetir-se-á mais adiante. E há um efeito discursivo de circunscrição identitária: supõe-se que seja necessária uma competência vocabular específica para o discurso da

mineirice. Mas o fenômeno fonológico é irregular, como se pode ver na receita abaixo:

Receita cazêra  
Mô di repôi nuaiói  
Ingrediente:  
5 dendiái  
3 cuié diói  
1 cabêss di repôi  
1 cuié di mastumati  
Sagosto  
Modifazê:  
Cascuái, picuái i socuái cumsá;  
Quentuái na cassarola;  
Foguái socado nuói quetim;  
Picurrepôi beeeemmm finim;  
Fogurrepôi nuói quenti juncuái fogado;  
Pôi a mastumati i mexi cum a cuié pra fazê u môi;  
Sirva cum rôis i melete

Trata-se de um aproveitamento da famosa culinária mineira, forte “ingrediente” de identidade, presente em larga escala em ocorrências humorísticas ou não. Aqui, algumas adaptações são muito caricaturais, o que até possibilita outro nível de efeito jocoso. O que é particularmente interessante nesse tipo de texto humorístico são as operações que o leitor tem que fazer para restituir a sintaxe e interpretar os ingredientes e recomendações. Essas descobertas são fonte de prazer, o que fica mais evidente no texto abaixo, devido à articulação mais complexa do ponto de vista da sintaxe e da coesão textual:

Sapassado, era sessetembro, taveu na cuzinha tomando uma pincumel e cuzinhando  
um kidicarne com mastumate pra fazê uma macarronada com frango assado. Quascaí de  
susto quando ouvi um barui vindo de dendufornu, parecendo um tidiguerra.  
A receita  
mandopô midipipoca denda galinha prassá; u furnu isquentô, o mistorô e ucu da  
galinha ispludiu! Nossinhora! Fiquei branco quinein um lideleite. Foi um trem  
doidimais! Quascaí dendapia! Fiquei sensabê doncovim, proncovô, oncotô.  
Óiprocevê quilucura! Grazadeus ninguem simaxucô!

O texto consiste numa repetição do “léxico” em mineirês já consagrado, intercalado palavras inteligíveis para acentuar os contrastes e possibilitar uma leitura mais prazerosa que problemática. O roteiro é um tanto nonsense, mas as preciosidades fonológicas parecem dar a coerência necessária. Afinal, não

é um texto em que o leitor deva se preocupar com retomadas anafóricas, onde eventualmente poderia estar seu caráter humorístico. É um texto cujo funcionamento está estruturado nas violações ortográficas, que, por sua vez, remetem a uma peculiaridade de determinada pronúncia.

## Conclusão

O mineiro parece transitar relativamente à vontade nas estratégias discursivas da “(des)conversaão”. Respeitar ou violar leis é um jogo circular que põe em cena um enunciador bastante ativo, que trabalha com as possibilidades e impossibilidades que a língua e o discurso, de uma certa maneira, disponibilizam, capitalizando fracassos, apontando equívocos, deslocando certezas.

Tais estratégias não são exclusividade do discurso humorístico, mas são constitutivas de toda e qualquer negociação entre dois enunciadores. O que especifica o uso da pragmática discursiva para um corpus constituído de piadas é o uso relativamente numeroso de certas estratégias que personagens e leitores são obrigados a empregar num “espaço tão curto de texto”. Mais do que isso, tal como o texto literário, as piadas parecem ilustrar bem essas estratégias.

E a pragmática, que se interessa pelo conjunto de regras que constituem o jogo da troca discursiva, pela *sua dimensão agônica* que lhe dá dinâmica, ganha uma nova dimensão na abordagem de Maingueneau.<sup>12</sup> Pode-se ver que toda a rede contratual emaranhada nas trocas lingüísticas é estruturada por instituições, pela história. Isso permite re-situar abordagens para o humor mais calcadas em pressupostos semântico-pragmáticos. Tais pressupostos passam a ser também discursivos, e uma multiplicidade de níveis interpretativos passam a incrementar as análises.

O fato de o mineiro ativo das piadas interferir pragmaticamente nas inferências de seu interlocutor, do leitor, e dos respectivos enlaçamentos (de maneira singular, pois ele é o protagonista), permite reforçar o papel de um personagem/enunciador que trabalha, que se articula diante das coerções institucionais/formais com um grau de mobilidade relativamente alto (para certos parâmetros), que se deixa fracassar em níveis intermediários e torna a reaparecer triunfante em zonas terminais. Personagem que viola até os roteiros preestabelecidos das violações autorizadas; enigma estratégico ou pista para um sujeito pouco comportado?

---

<sup>12</sup> Na verdade, fazer tal uso da pragmática é fazer análise do discurso.

## CONDE, G. THE PRAGMATIC FACTOR IN MINEIROS' JOKES

**ABSTRACT:** *According to Maingueneau (1990) there is a constituted unfolding from contractual negotiation levels between reader and piece in literary discourse. The workability of readers' internal elements is linked to external factors in a paradoxical circularity which authorizes readers and characters' inferences. Some pragmatics theoretical foundations are, so, mobilized to verify such kind of negotiation crossed by pre-established social routes. Jokes, in general, show some relevant similarities with literary corpora: they are an invented product; they show stereotyped characters and oblige a reader's active participation in a construction of a semantic ambiguity. The application of a discursive pragmatics, however, to verify reader's strategies from mineiros linguistics maliciousness, typical protagonist of some jokes, make possible some formulations on the workability of humoristic discourse.*

**Keywords:** discourse; pragmatics; jokes.

### Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. (1962). **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: ARTMED, 1990.

BAKHTIN, M. (1921). **Para uma filosofia do ato**. Inédito.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

FOUCAULT, M. (1969). **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2000.

FREUD, S (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MAINGUENEAU, D. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. 3ª edição. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. (1990). **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

NEPOMUCENO, P. **Cada caso é um caso (de Minas e Goiás)**. Goiânia: Editora Kelps, 1999.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

RASKIN, V. **Semantic Mechanisms of Humor**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SABINO, F. **A Inglesa Deslumbrada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

